

ANEJOS DE ARCHIVO ESPAÑOL DE ARQUEOLOGÍA
XLVI

SIDEREUM ANA I

El río Guadiana en época post-orientalizante

ANEJOS DE AESPA

Directora

M.^a Paz García-Bellido, Instituto de Historia, CSIC, Madrid

Secretario

Luis Caballero, Instituto de Historia, CSIC, Madrid

Comité Editorial

Javier Arce, Instituto de Historia, CSIC, Madrid

Manuel Bendala, Universidad Autónoma de Madrid

Guadalupe López Monteagudo, Instituto de Historia, CSIC, Madrid

Pedro Mateos, Instituto de Arqueología de Mérida, J. Ext., CCMM. y CSIC

Manuel Molinos, Universidad de Jaén

Ángel Morillo, Universidad de León

Almudena Orejas, Instituto de Historia, CSIC, Madrid

Francisco Pina Polo, Universidad de Zaragoza

Joaquín Ruiz de Arbulo, Universidad de Tarragona

Consejo Asesor

Michel Amandry, Bibliothèque Nationale de France, Paris

Xavier Aquilué, Conjunto Monumental de Ampurias, Girona

Gian Pietro Brogiolo, Università di Padova

Francisco Burillo, Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales de Teruel

Monique Clavel-Lévêque, Université Franche-Comté, Besançon

Teresa Chapa, Universidad Complutense de Madrid

Adolfo Domínguez Monedero, Universidad Autónoma de Madrid

Carlos Fabião, Universidade de Lisboa

Carmen Fernández Ochoa, Universidad Autónoma de Madrid

Pierre Moret, Casa de Velázquez, Madrid

Domingo Plácido, Universidad Complutense de Madrid

Sebastián Ramallo, Universidad de Murcia

Isabel Rodà, Universitat Autònoma de Barcelona

Th. G. Schattner, Instituto Arqueológico Alemán, Madrid

Armin Stylow, Kommission für Alte Geschichte und Epigraphik des DAI, München

MÉRTOLA DURANTE OS SÉCULOS VI E V a. C.

Pedro BARROS
IPA – Silves

RESUMO

Mértola fica localizada na margem direita do Guadiana, num troço do Rio caracterizado por um vale encaixado, com excelentes condições de defesa. Identificada como cidade turdetana (*Myrtilis*), é conhecida desde à muito tempo a sua ocupação pré-romana, mais até ao momento, os vestígios da Idade do Ferro não provêm de contextos preservados. O espólio sidérico mostra uma clara associação a um mundo litoral, de forte predominância orientalizante, destacando as importações gregas, duas urnas cruz del negro e uma inscrição com caracteres do Sudoeste. A pertinência do assentamento justifica-se pela sua localização estratégica no domínio de um eixo de comunicação norte/sul, ponto final do estuário, e pela riqueza dos recursos mineiros e agrícolas que o envolvem. A ocorrência de uma cultura material com características exógenas é prova das transformações no substrato indígena, demonstrando uma estrutura comercial local baseada na produção de excedentes, havendo um controlo hierárquico da região.

RESUMEN

Mértola se localiza en el la margen derecha del Guadiana, en un tramo del río caracterizado por su encajonamiento, y dotada de magníficas condiciones de defensa. Identificada como ciudad turdetana (*Myrtilis*), la ocupación prerromana es conocida desde antiguo, si bien todos los hallazgos de la edad del Hierro están descontextualizados. La Cultura Material muestra una clara vinculación con el mundo litoral, de fuerte influencia orientalizante, destacando las importaciones griegas, urnas cruz del Negro o una estela del SW. La elección del sitio se explica por su localización estratégica en un eje de comunicación N-S al final del estuario y por la riqueza de los recursos naturales de la zona. Los materiales exógenos verifican las transformaciones de un sustrato indígena, demostrando una estructura comercial local basada en la producción de excedentes y desarrollando un control jerárquico de la región.

ABSTRACT

The modern town of Mértola is located on the top of an strategic hill on the right riverside of Guadiana. By this section, River crosses a rough and strait valley. The site was identified as the turdetanian *Myrtilis*, and its pre-roman occupation is well known from the oldest studies. Nevertheless, the Iron Age archaeological evidence are every time no context items. These finds show a clear rapport with the Coast world, with an strong orientalizing influence. The choice of this location was due to its strategic conditions, occupying the top of a N-S communication edge at the end of the estuary as well the regional mining and agricultural wealth. The exotic archaeological finds show the transformations of the native populations and demonstrate the emergence of a local trade structure based on the surplus production. The site would have developed a hierarchical role in the region too.

Mértola fica localizada no Sudoeste Peninsular, numa região onde se destacam três unidades geomorfológicas principais, uma peneplanície “(...) relativamente homogênea, com superfícies aplanadas; os relevos residuais que constituem as Serras de Serpa e Mértola, (...) e os vales encaixados com declives acentuados por onde as principais linhas de água têm o seu percurso” (Lecoq 2002: 31) e onde se desenvolve, no subsolo, a faixa piritosa ibérica onde convivem alguns metais como ouro, prata e cobre (Oliveira e Oliveira 1996: 11), (Figs. 1 e 7).

Inserese num troço do Rio Guadiana caracterizado por um vale encaixado, vertentes abruptas e percurso sinuoso (Feio 1946 e 1983). Poucos quilómetros a norte os ciclos das marés terminam devido a um elemento hidro-geológico singular com um desnível de 15 m de altura —o Pulo do Lobo— que, em conjunto com a corredoura, impede a progressão de embarcações para Norte (Simplicio *et al.* 1999), (Fig. 2).

A existência de um caudal favorável à navegabilidade fluvial, sobretudo devido aos ciclos de marés, já era referida por Estrabão (III.2.4,143) que, comparando-o com o Guadalquivir, refere que o Guadiana era navegável num percurso mais curto e por embarcações mais pequenas (Oliveira e Freitas no prelo). No entanto, as condições de navegabilidade até Mértola não eram simples: o regime irregular do rio e a consequente força cíclica das águas nas cheias, os afloramentos rochosos imersos até muito próximo da superfície, a alteração da topografia do leito do rio com os assoreamentos súbitos junto à foz dos afluentes e o encanamento dos ventos em meandros apertados dificultavam certamente a aproximação ao porto de Mértola, mas seria possível por quem conhece o rio e respectivos obstáculos com rigor (Lopes *et al.* 2003).

Mértola marcaria um limite, não apenas à navegabilidade no Rio Guadiana em percursos de média e longa distância, mas sobretudo um termo às embarcações de grande calado (Lopes *et al.* 2003). Além das representações medievais/modernas de navios de grande porte, gravadas na argamassa do torreão do actual castelo, que representariam algo de significativo que neste porto tivesse sido avistado (Viana 1946: 34; Torres 1989: 112), verifica-se que este tipo de embarcações aparece igualmente em fontes iconográficas como a gravura de Duarte D’Armas (Almeida 1943: 33), de 1510, (Fig. 3), onde surgem representados dois barcos de três mastros na zona da enseada Sul e apenas uma pequena embarcação de 2 pares de remos a montante do ponto mais estreito e mais profundo do Rio (na Torre do Rio)

e outra de 1 par de remos na Ribeira de Oeiras, ou ainda na planta da Praça de Armas de Mértola, de 1755 (Torres 1989: 8), onde um grande número de barcos de 2 ou 3 pares de remos localizam-se na enseada e apenas um de 2 remos encontra-se a norte da Torre do Rio. Ambos os casos representam a diferença da navegabilidade dos cursos de água junto a Mértola em época Moderna.

A antiguidade da ocupação de Mértola pode-se atestar pela incontestável correspondência com a designação de *Mirtilis* (Tovar 1976: 210-211; Guerra 1995 e 1998, Alarcão 1988), tendo em mente as ocorrências da forma do nome, das fontes literárias, epigráficas e numismáticas, remete-nos sobretudo para as passagens de Pomponius Mela (III, 7), onde a cidade é associada ao cabo Cuneus, juntamente com as cidades de Balsa e Ossonoba, num triângulo repetido por Plínio (IV, 116 e 117), mas apresentada na lista de Ptolomeu (II, 5, 5) como uma cidade turdetana. No que se refere ao seu nome, são feitas diversas análises: umas de origem oriental (Tovar 1976: 210-211), outras de origem grega sendo na sua maioria associada à língua ibérica (Guerra 1998), comprovada na fronteira gerada entre a confrontação de topónimos célticos em *-briga* e os ibéricos em *-ilti* (Untermann 1962, De Hoz 2001).

Essa mesma antiguidade é atestada desde o século XVI, altura a partir da qual Mértola é mencionada pela sua importância histórica e pelos vestígios arqueológicos que aí se encontravam, tendo-lhe sido atribuída em 1589 uma fundação “pellos de Tiro há dous mil e setenta e seis anos na Era vulgar” (Arraiz 1846). Em finais do século XIX foi objecto de estudos mais concretos sobre a sua origem e importância histórico-arqueológica, destacando o trabalho do arqueólogo Estácio da Veiga que, pela primeira vez, sistematiza diacronicamente as informações e os materiais existentes desde a Pré-história até aos “tempos dos Portugueses” (Veiga 1880), incluindo um capítulo para a época Pré-Romana. A referência a contextos e materiais da Idade do Ferro apenas se volta a verificar de forma sucinta num estado avançado do Projecto Campo Arqueológico de Mértola.

A organização de Mértola durante os séculos VI e V a.C., no actual estado dos conhecimentos, parece indicar alguns espaços funcionais: o portuário, o habitacional e a(s) necrópole(s).

Assim, “o porto fluvial mais a norte da grande estrada que era o Guadiana” (Boiça e Mateus 1994: 47) fica implantado na sua margem direita, no topo de um esporão, na confluência do Rio Guadiana com a ribeira de Oeiras, a poente. Estrategicamente localizado num local que possui excelentes condições naturais de defesa fluvial e terrestre, no final



Fig. 1.— Localização e planta de Mértola.

de um longo estuário, junto a um estreitamento do curso fluvial e proeminente para quem se aproxima de rio, prescindindo da visibilidade envolvente a média e longa distância. Parece predominar uma lógica estruturada de controlo, coordenação e exploração de uma região ou mesmo de um território e dos seus ricos recursos, sejam geológicos, agrícolas, pecuários, florestais e fluviais, mas também a ligação de vias naturais de comunicação sul/norte (litoral - interior) e este/oeste (zona de travessia do rio).

Se tivermos em consideração que as condições geomorfológicas do rio junto de Mértola não se alteraram muito, desde épocas antigas até ao final do século XX. Apesar do aumento do volume de assoreamentos, parece ter-se mantido a cota de leito de cheia, a sedimentação cingir-se à zona de meandros (Lopes *et al.* 2003) e o nível das águas — deduzida a partir dos dados da costa Algarvia

(Teixeira 2005)— pelo que o seu espaço portuário ter-se-á mantido inalterável.

Este espaço, que reunia as melhores condições para essa função, localizava-se na extremidade Sul, tendo como limite montante a Torre do Rio (ponto mais estreito e mais profundo do rio). Esta implantação deve-se ao ligeiro alargamento do vale, à suavização das vertentes, a um percurso do rio rectilíneo e espreado, a uma zona de assoreamento suave e onde o regime violento e, em certas alturas do ano, o irregular regime do Rio Guadiana é esbatido pelas águas da Ribeira de Oeiras (Fig. 1).

De facto, ao longo do tempo foi esta zona de enseada e pequenas praias que reuniu melhores condições para ancoradouro, como demonstram as gravuras de Duarte D' Armas, a Planta da Praça de Armas de Mértola (Fig. 3), as fotografias do início do século XX, com barcos de média dimensão ai



Fig. 2.— Elemento hidro-geológico do Pulo do Lobo.

fundeados, e por estruturas (um cais talhado na rocha e pontos de amarração) que obedecem a uma lógica característica de *longue durée* do próprio rio (Lopes *et al.* 2003).

Não cremos que tenha havido uma estrutura portuária bem definida, sendo toda esta zona, possivelmente em ambas as margens, o local por excelência para os barcos acostarem, para o embarque e desembarque de produtos e pessoas, para a travessia do rio e para se proceder a pequenas manutenções nas embarcações.

Consideramos que a resolução dos problemas enunciados é diacrónica e terá tido idêntica solução durante o 1º milénio a.C. A opção por este local terá ainda contribuído para que existisse uma ligação estreita entre ambas as margens, ou seja, não ser só uma zona de porto, mas também um local de passagem e travessia do rio.

No que concerne ao espaço onde se recolheram vestígios arqueológicos desta época, e que se entende ser o povoado, refira-se que até ao momento os que foram encontrados e que agora se apresen-

tam, não provêm de contextos preservados. Esta situação deve-se ao facto de grande parte das intervenções realizadas se localizar na actual área urbana, onde a pressão urbanística e a intensidade de utilização de espaços reduziram, até ao momento (pesquisa elaborada sobre as investigações realizadas até 2004), não só a possibilidade de ocorrerem contextos conservados, reflectindo-se igualmente nos fragmentos recolhidos, cujas dimensões, em alguns casos, impedem uma classificação tipológica mais detalhada.

Desta forma, comprovar se a ocupação existente foi contínua ou se sofreu algum tipo de evolução particular, que tipo de organização urbana, arquitectura e técnicas de construção poderão ter sido utilizadas, equacionar utilizações funcionais dos espaços onde ocorrem os vestígios, bem como contextualizar, afinar a cronologia, a dinâmica e a relação entre os diversos materiais arqueológicos encontrados, são leituras que nos são bastante limitadas.

A delimitação de Mértola no final da primeira metade do primeiro milénio a.C. passa, de certa

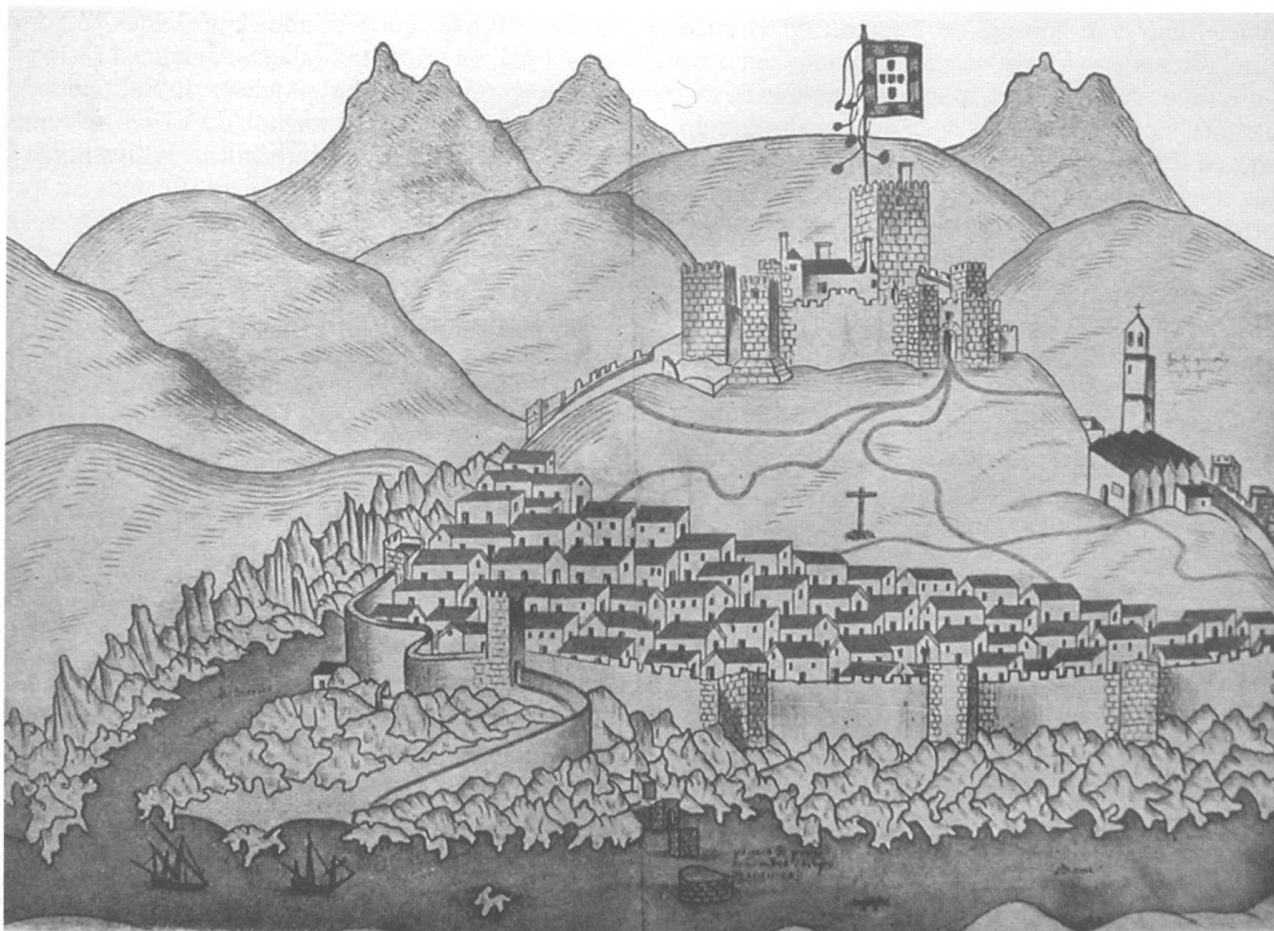


Fig. 3.— Gravura de Duarte D'Armas da Vila de Mértola em 1510.

forma, pela definição de uma estrutura defensiva com um perímetro que abrange uma área com mais de 65 a 70 hectares. A partir de uma intervenção localizada no Cerro do Benfica foi defendido que esta muralha terá sido erigida durante o século VI a.C., identificando-se outras 3 fases (re)construtivas até ao seu abandono em época medieval e que terá tido, na maioria da sua extensão, um único momento de construção (Hourcade *et al.* 2003).

O aparecimento de um bordo de ânfora do tipo 10.1.2.1 e de uma *tegula* em contextos superficiais e a atribuição cronológica da denominada segunda fase de reestruturação, por um fundo de uma ânfora 8.1.3.1 ou 8.1.3.2, produzida na zona de Ibiza, com cronologias posteriores à segunda metade do século III até finais do II. a.C. induziram para a primeira fase de construção deste monumento uma datação associada ao referido bordo de ânfora, ou seja, de meados do VII até meados do VIII a.C. (Hourcade *et al.* 2003).

Face a estes resultados, julgamos mais prudente considerar que a eventual ocupação do Cerro do

Benfica em épocas tão recuadas é plausível, mas não necessariamente em associação à construção desta estrutura amuralhada. Menos ainda, apontar a mesma datação antiga para todo o recinto fortificado, quando existem 4 fases de construção, pelo que julgamos que esta muralha com 3,7 km de comprimento deverá ter sido construída em fases posteriores ao século V a.C. No entanto, a delimitação deste espaço é um indicador que pode circunscrever uma área de exploração directa do povoado, mas que no estado actual dos conhecimentos apenas revela uma ocupação de forma mais premente através da sua cultura material numa zona que se restringe a cerca de 6/7 hectares, mesmo assim bastante significativa no contexto da bacia hidrográfica do Guadiana.

A ocupação mais antiga registada em Mértola parece remeter, com alguns achados isolados, para a pré-história, no entanto, apenas se constata que existiria uma ocupação efectiva em finais do segundo milénio e durante o 1º quartel do primeiro milénio, nomeadamente através de cerâmicas ma-

nuais finas com formas de tradição do Bronze Final, da cerâmica com ornatos brunidos tanto na superfície externa como interna, da cerâmica designada “tipo Carambolo”, das foices em bronze do tipo de Rocanes (Coffyn 1983), mas também um dos contentores do tipo Cruz del Negro com características mais antigas, de algumas formas das cerâmicas de engobe vermelho e das ânforas tipo 10.1.1.1 com uma ligeira carena na ligação externa entre o bordo e o corpo (Barros, no prelo b).

Até ao momento, no espaço que poderemos considerar, grosso modo, como habitacional durante este período “pós-orientalizante”, o espólio arqueológico engloba contentores anfóricos, cerâmica pintada em bandas, cerâmicas de engobe vermelho, cerâmica cinzenta, cerâmica manual e cerâmicas áticas. Existem ainda outros elementos passíveis de integrarem este período cronológico, no entanto, por ausência de contexto e pela sua ampla diacronia de existência não serão aqui abordados.

Os contentores anfóricos pertencem a uma fase de transição do segundo quartel do VII a.C. até ao final da primeira metade do VI a.C., nomeadamente o tipo 10.1.2.1., com as diversas variantes de bordo: rectilíneos, côncavos e alguns emoldurados. Identificaram-se igualmente formas enquadráveis em momentos posteriores, destacando-se a forma 11.2.1.3, com bordos de clara secção triangular com uma datação de finais do século VI até aos inícios do IV a.C. e que tiveram o seu auge no último quartel do século V a.C. Ambos os exemplares têm uma ampla expansão comercial no Atlântico, no Mediterrâneo Noroeste e Central (Ramón Torres 1995).

As cerâmicas de engobe vermelho, (Fig. 4), características desta fase, são maioritariamente representadas por formas abertas, nomeadamente tigelas e pratos. Destaca-se a tigela sem espessamento do bordo, (Fig. 4.1), que em Huelva se generaliza na primeira metade do século VI e se prolonga até meados do V a.C. e que em Castro Marim aparece em contextos de finais do VII até meados do VI a.C. (Freitas 2005b). Os pratos com uma canelura relativamente bem marcada na extremidade do bordo (Fig. 4.2), podem indicar momentos dos finais do VII a.C., como se constata em Huelva e Castro Marim, mas sobretudo de inícios a meados do VI a.C., como acontece na costa de Málaga e norte de África, podendo ainda perdurar até meados do V a.C., novamente em Huelva e Castro Marim (Freitas 2005b).

Existem outras formas atribuíveis a esta época, como sejam as taças carenadas com bordo pontiagudo (Fig. 4.3), paredes verticais de tendência recta e carena marcada; que se generalizam a partir do

século VII a.C., encontrando-se presentes no norte de África, na costa de Málaga, Andaluzia Ocidental, Ibiza, Huelva, Abul, Alcácer do Sal podendo perdurar até à primeira metade do VI a.C. (Freitas 2005b). Ainda nas taças carenadas, relativamente à primeira metade do VI a.C., identificamos as formas com bordo de tendência triangular, (Fig. 4.4), mas já ligeiramente arredondado e com diâmetros que podem chegar aos 20 cm; tendo os melhores paralelos na costa de Málaga, Huelva e Castro Marim (Freitas 2005b).

Por último, há a destacar a presença de vários fragmentos com um tratamento de superfície de diferente cor e que se distinguem do engobe avermelhado. A cerâmica de engobe violáceo (Fig. 4.5), parece surgir a partir dos inícios do século VI a.C., tendo perdurado até ao III a.C., nomeadamente na bacia do Guadalquivir, Huelva e Castro Marim, no entanto, a sua ocorrência reduz-se a partir dos inícios do IV a.C. (Freitas 2005b).

As formas de cerâmica cinzenta identificadas em Mértola têm uma cronologia bastante ampla, pelo que apenas destacamos aquelas que se apresentam decoradas com caneluras de diversas dimensões. Pelos seus paralelos em Castro Marim, Pico del Oro (Pérez Macías 1996), Azougada e Cancho Roano, parecem circunscrever-se ao século V a.C. (Antunes 2005).

As cerâmicas pintadas em bandas de tradição ibérica são sobretudo de cores avermelhadas ou pretas, designadamente as compostas por círculos concêntricos, semicírculos de cor avermelhada e as ondulações verticais com bandas, existindo por vezes uma decoração policroma que utiliza ambas as cores. Considerando os contextos do Levante espanhol, alguns casos sugerem cronologias antigas, nomeadamente entre o século V e os inícios do século IV a.C. (Oliver e Gusi 1995).

No que concerne ao repertório formal das cerâmicas áticas de Mértola de finais do século V a.C. (Fig. 5), sobretudo no seu último quartel, destacam-se as formas conhecidas por Taças Cástulo, com o seu bordo característico de lábio côncavo na face externa e ressalto bem marcado na face interna, verificando-se em alguns casos áreas reservadas entre asas, indicador de uma certa antiguidade. A sua dispersão é bastante vasta pela península ibérica, nomeadamente ao longo do curso do Guadiana.

Foram ainda identificadas taças tipo *plain rim*, nas suas formas mais arcaicas, reconhecidas por terem ambas as faces dos pés convexas, as *Kylikes* com um ressalto na parede interna delimitando o medalhão central, e o que parece ser um *Skyphos*, com asa junto a um bordo direito.

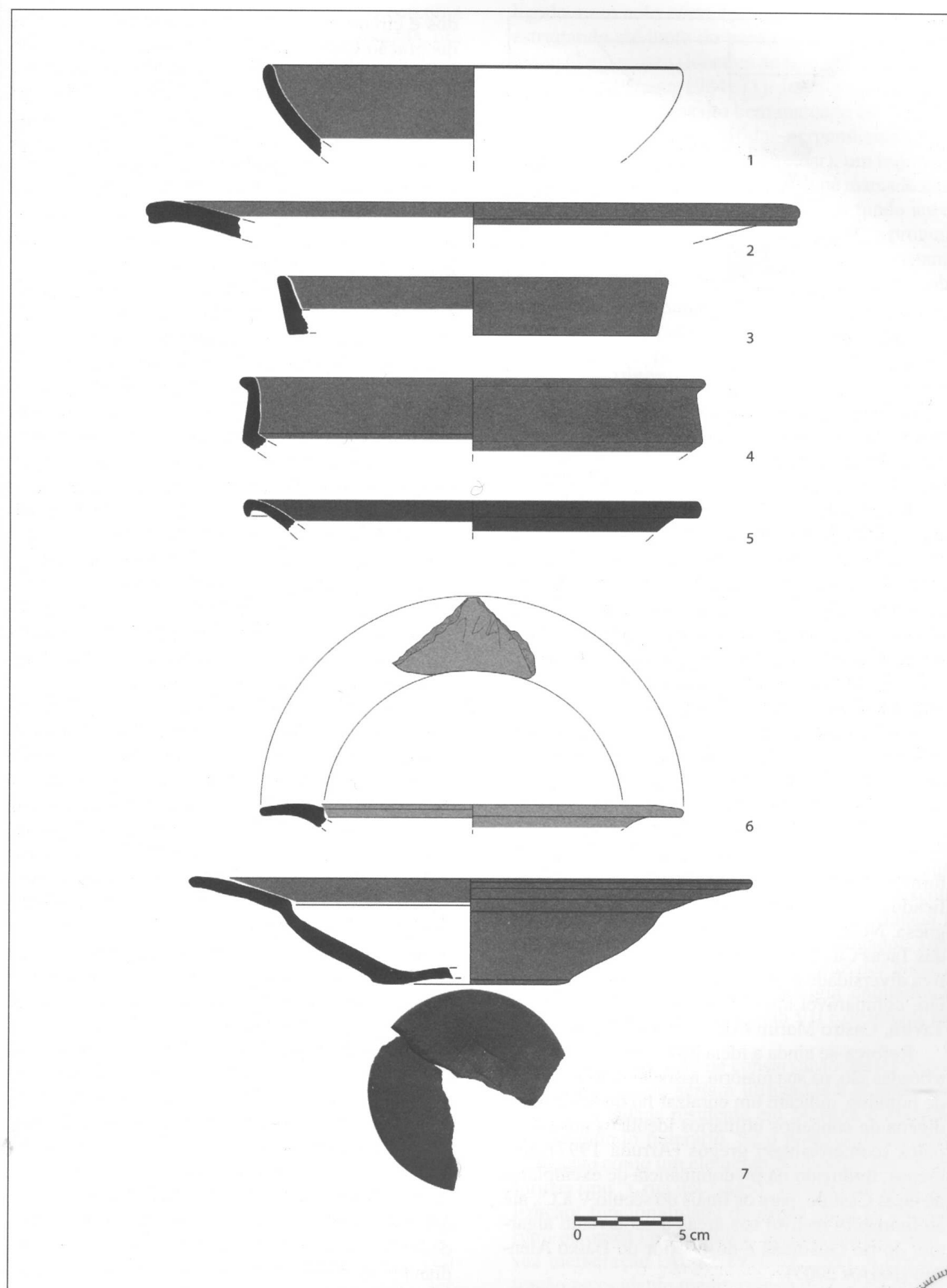


Fig. 4. - Cerâmicas de Engobe Vermelho de Mértola.

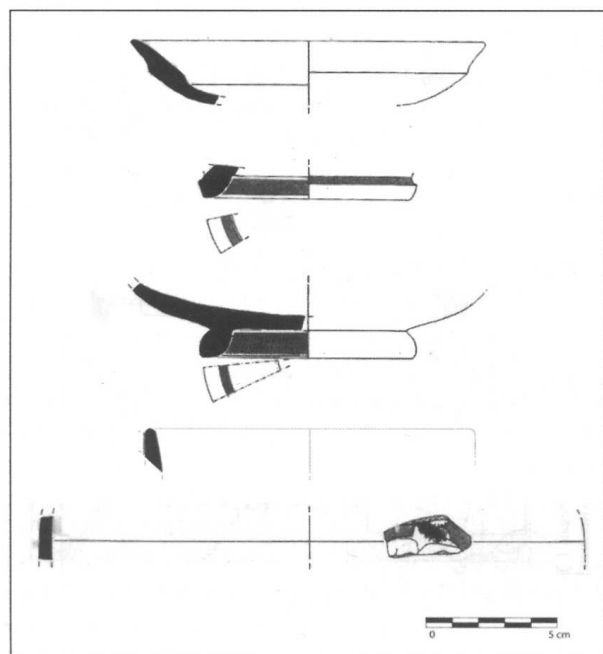


Fig. 5.— Cerâmicas Áticas de Mértola.

Até ao momento, o único exemplar de figuras vermelhas atribuíveis a este período, podendo mesmo ser do terceiro quartel do século V a.C., é o que parece tratar-se de um *krater*, com a representação, na sua face externa, de um rosto e tronco de uma personagem masculina de frente, com barba e cabeça virada para a direita. A reduzida dimensão deste fragmento dificultou consideravelmente a atribuição de um pintor a este vaso, no entanto, considerou-se a hipótese de se tratar de uma obra do Pintor de Dinos, ou do Pintor de Chrysis (Arruda *et al.* 1998).

O panorama geral em Mértola, e a diversidade formal, é bastante semelhante aos contextos identificados na Andaluzia ocidental e costa sul portuguesa. Neste conjunto destaca-se a predominância das Taças Cástulo face às restantes formas e a relativa diversidade formal face à cronologia em questão, comparável apenas com os sítios litorais de Tavira, Castro Marim e da Andaluzia Ocidental.

Reforça-se ainda a ideia de que as formas identificadas são, na sua maioria, associadas ao consumo de líquidos, indicam um enraizar no quotidiano indígena de conceitos utilitários idênticos aos dados pelos (comerciantes) gregos (Arruda 1997) pelo menos, traduzido na predominância de exemplares de taças Cástulo, para os finais do século V a.C., até ao momento restrito nas áreas do sotavento algarvio, do rio Guadiana e do interior do Baixo Alentejo (Barros 2005).

Relativamente à cerâmica manual, os seus indicadores morfológicos para esta época são reduzi-

dos e circunscrevem-se na sua maioria a tipos de decoração e elementos de preensão, usados tanto em formas abertas como fechadas. As peças decoradas com incisões no bordo, o tipo de asas de cesta e as pegas em ferradura revelam afinidades com outros sítios da bacia do Guadiana durante os meados do século VI e os finais do V/ meados do IV a.C.

Desta breve descrição podemos constatar a existência de um abundante espólio com características exógenas, em clara associação a um mundo litoral, de forte predominância orientalizante, com paralelos nos sítios fenícios da costa de Málaga, área do Baixo Guadalquivir, Andaluzia Ocidental e Algarve Oriental, no entanto, não deixam de se verificar alguns elementos de tradição indígena.

Verificamos ainda, pelo tipo de materiais, que não parece haver uma ruptura ou quebra dos circuitos comerciais entre Mértola e as zonas mais litorais. Julgamos que ao longo destes dois séculos estas influências se mantêm, reflectindo um certo nível de poder de compra, resultando numa continuidade da estrutura comercial até aí existente, apesar das alterações no tipo de produtos adquiridos.

Esta condição parece perdurar ao longo do século IV e no III a.C., conforme se verifica com o aumento do panorama formal das cerâmicas áticas durante o século IV a.C., com a presença das ânforas tipo Tiñosa, Mañá Pascoal A4 evolucionadas, B e C de Pellicer, da cerâmica tipo Koauss, entre outros materiais de proveniência ou inspiração mediterrânea (Rego *et al.* 1996).

Por último, a correcta definição e localização do(s) espaço(s) da(s) necrópole(s) associada(s) ao povoado de Mértola acumula(m) outro problema, além dos já identificados. Os indícios para a sua identificação foram a recolha de achados durante a 2ª metade do século XIX, quando em Portugal já se assiste ao início de uma prática científica arqueológica que privilegiava uma forma de escavar com base numa sequência estratigráfica segundo as leis geológicas, mas que ainda se limitava quase exclusivamente à abertura do terreno com um objectivo de atingir o máximo de metros quadrados por dia e pela utilização de crivos onde se procedia à recolha dos artefactos considerados então mais apelativos. É neste contexto que o investigador Estácio da Veiga, em 1877, foi oficialmente encarregue de proceder ao reconhecimento, à recolha e atribuição de cronologias para os vestígios mais significativos que haviam sido postos a descoberto pelas cheias desse Inverno, ao longo das margens do Rio Guadiana junto à Vila de Mértola (Veiga 1880: 1 e 3). Durante dez dias a sua atenção recaí sobre vários locais nas redondezas e em 6 sítios na vila de Mértola.

tola, tendo escavado 3 deles, onde classificou uma Basílica Paleocristã com necrópole associada, um mosaico romano com a representação de uma tartaruga e uma outra necrópole, de época romana.

As informações sobre a localização e contexto que restam destas intervenções e destes achados relacionados com as necrópoles da primeira metade do I milénio a.C. são escassas, todavia, importa mencionar a ocorrência, na área identificada como Ladeira da Nossa Senhora das Neves, de um prato de engobe vermelho (Barros no prelo a), (Fig. 4.7). Apesar de não existir qualquer menção na obra de Estácio da Veiga à recolha e contexto deste prato, nas fichas de inventário onde se encontra depositado (Museu Nacional de Arqueologia) é indicado que provém de uma sepultura de incineração.

Formalmente, este exemplar caracteriza-se por um bordo/ lábio bem diferenciado na parede interna e suavemente na face externa, um bordo saliente arredondado, mas ligeiramente pontiagudo, de tendência oblíqua inclinada para o interior e bem diferenciado na parede interna e suavemente na face externa, um pé marcado por um ligeiro destaque, um fundo convexo com um grafito pós cozedura e um engobe de cor laranja – avermelhado mal conservado. Se tivermos em consideração a evolução morfológica nos sítios de Cerro del Villar (Aubet *et al.* 1999), Huelva (Rufete Tomico 1989) e Castro Marim, bem como outros sítios do Sul peninsular e Norte de África, estes pratos parecem predominar no repertório formal em contextos desde os finais do século VII até inícios do século V a.C., mas nesta última fase em muito menor escala (Freitas 2005a). No que concerne ao grafito, parece ser um reticulado e conta com paralelos Norte Africanos, nomeadamente em Mogador e Lixus.

Ainda associados ao mundo funerário, registaram-se dois contentores cerâmicos tipo “Cruz del Negro” (Barros no prelo a), (Fig. 6). A designação aqui assumida não está isenta de problemas, mas a salvo de apreciações subjectivas.

O primeiro (Fig. 6.1), aparentemente proveniente da Cerca de S. Sebastião, deve ser visto como um achado isolado ou como um reaproveitamento, pois localiza-se num contexto de necrópole de época romana, que foi objecto de escavações mais recentes que abrangeram toda a extensão da necrópole e onde não se encontraram vestígios coevos da sua atribuição cronológica (Boiça e Lopes 1999).

Este exemplar encontra-se bastante bem conservado, com um bordo saliente exvertido de secção triangular, tendendo para formas arredondadas

ligado a um colo curto ligeiramente troncocónico, estreitando até junto do bordo, onde apresenta um ténue alargamento (idêntico ao tipo c de Schubart e Maass-Lindemann 1984: 71). Junto à ligação com o bojo exibe um ressalto bem marcado de onde arrancam as duas assas bífidas perpendiculares ao bordo (cada uma de secção circular), um bojo tendencialmente ovóide alongado, um pé marcado mas sem descontinuidade com o bojo e o fundo apresenta-se convexo com um ônfalo bastante pronunciado. A sua decoração encontra-se bastante degradada, tendo apenas indícios de um engobe preservado externamente entre a asa e o bordo. A pasta induz-nos para uma produção do baixo Guadalquivir, com paralelos no exemplar de Cullera (Aranegui 1980) e o seu aspecto assimétrico, devido a um defeito de cozedura, é idêntico a um exemplar de Medellín. Conta com paralelos no Baixo Guadalquivir, costa de Málaga, costa atlântica portuguesa, Huelva e Medellín e as suas características formais sugerem uma cronologia enquadrada entre os inícios e os meados do VI a.C.

O outro contentor do mesmo tipo, (Fig. 6.2), com uma proveniência genérica atribuída à vila de Mértola, encontra-se igualmente associado a um contexto funerário, nomeadamente uma sepultura de incineração, contendo no seu interior espólio osteológico, e um vaso metálico, do qual não existe informação adicional. Este exemplar apresenta características formais e decorativas que indiciam momentos ligeiramente mais antigos que no primeiro caso, como seja o colo cilíndrico direito com a carena a meio, as asas robustas, a sua forma bastante globular, o pé bem marcado, o fundo apenas com um pequeno ônfalo, o tratamento da superfície externa e a decoração encontra-se bastante bem cuidada e a pasta de um alaranjado forte. Apresenta paralelos com exemplares da costa de Málaga e Norte Africana, nomeadamente em Mogador, Toscanos e nalguns exemplares de Cruz del Negro, possivelmente com uma cronologia enquadrada entre o último quartel do século VII e os inícios do VI a.C.

A presença e grau de conservação destes materiais atestam que *seriam utilizados* e aceites por uma comunidade residente em Mértola e associados ao mundo funerário. Se o prato pode ter uma utilização como um elemento do espólio votivo, as formas tipo “Cruz del Negro” teriam tido uma utilização/ funcionalidade de urnas onde se colocariam os ossos conservados, aparentemente após a sua incineração (Aubet 1976-78: 268). A concentração no ocidente mediterrâneo deste tipo de contentores, que parecem reinterpretar a sua

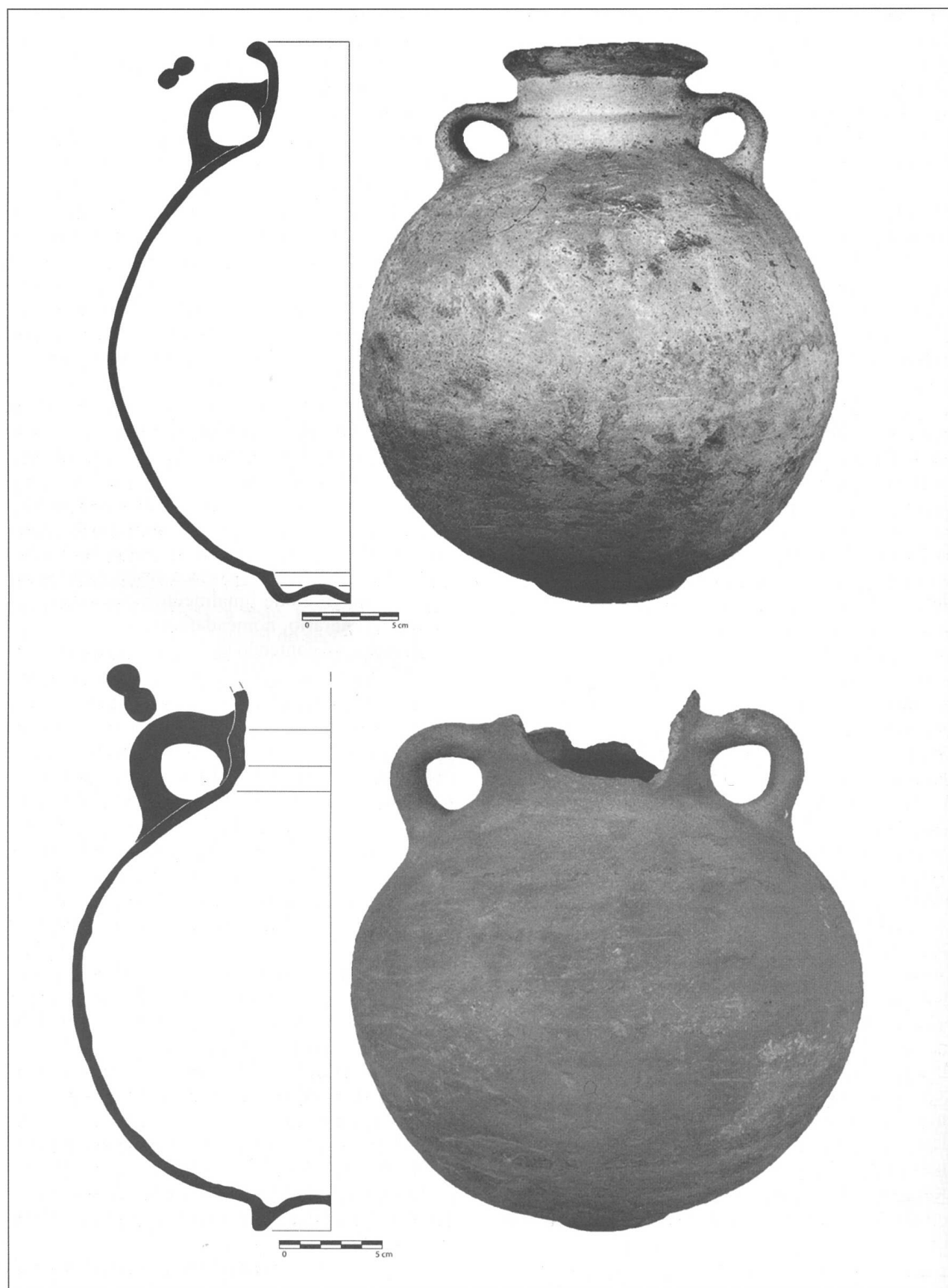


Fig. 6.— Urnas tipo "Cruz del Negro" de Mértola.

funcionalidade, sustentam a aceitação, utilização e difusão de um modelo que teve êxito sobretudo em contextos funerários na Península Ibérica (Aubet *et al.* 1999: 177, Arruda 1999-2000: 90, Ramón Torres 1999: 156), durante o século VII para o Oeste Peninsular e o século V a.C. nas zonas do Levante, Costa Valenciana e Catalunha. A sua presença no curso do Guadiana ocorre na região de Badajoz (Rodríguez e Enríquez 2001) e em Medellín (Almagro-Gorbea 1977).

Segundo alguns autores, a assimilação por parte das comunidades locais de modelos exportados do oriente (Almagro-Gorbea 1977, Ramón Torres 1999) remete para um mercado com alguma independência da área de ocupação fenícia, sem que no entanto, a influência orientalizante se dissocie da sua produção, relacionando por outro lado estes sítios a uma homogénea “facies cultural indígena orientalizante” do Baixo Guadalquivir e Huelva, com um certo poder de aquisição por parte de alguma população local com uma relação próxima com as rotas comerciais mediterrânicas (Aubet 1976-78: 270, 279 e 281).

Outro aspecto, apesar das sucintas descrições, refere-se aos contextos onde ocorrem, que parecem apontar, em ambos os casos, para necrópoles de incineração. A atribuição a estruturas funerárias constituídas por fossas de cremação simples ou eventualmente em cova deverá ser feita com algumas reservas, pois a ausência de estruturas associadas a estes contextos pode ser uma lacuna nas descrições do registo e não na sua inexistência. Contudo, ambos os tipos estão documentados entre a segunda metade do VII e a primeira do VI a.C.

Apesar deste tipo de estruturas não indicar uma ligação a grupos de alto status social (Torres Ortiz 1999), estas seriam sempre de destaque dentro de um contexto local e mesmo regional, marcando ainda um modo de enterramento e uma estratégia construtiva distinta da utilizada nas necrópoles de Ourique e Castro Verde, ou mesmo das restantes do baixo Guadiana e Algarve, identificadas até ao momento¹.

Deve-se ainda referir que, se considerarmos a sua presença num local próximo ao seu contexto original, a nordeste do povoado e a sul da necrópole (num espaço contíguo junto de uma antiga via de acesso), na necrópole paleocristã do Rossio do Carmo, e apesar de entre os diversos achados haver um desfasamento temporal, foi encontrada, numa

reutilização como tampa de uma sepultura, uma inscrição com caracteres do Sudoeste, para a qual se propôs uma cronologia entre o século VII e o V a.C. (Faria 1994).

Se por um lado existe uma clara associação ao mundo orientalizante com adopção do espólio votivo e do tipo de enterramentos acima referido, verifica-se durante os séculos VI e V a.C. uma associação deste tipo de estelas a um mundo interior/ indígena, que ocorre com bastante frequência na junção das bacias hidrográficas dos rios Mira, Sado e Guadiana e das ribeiras do Algarve – concelhos de Almodôvar e Ourique. Ainda que a sua distribuição abarque um território muito amplo (Guerra 1998), em Mértola aparece invulgarmente num contexto urbano e comercial.

Assumindo a incapacidade de uma análise do ponto de vista da problemática linguística, estes vestígios, estela e os grafitos (Fig. 4. 6-7), indicam-nos pelo menos o conhecimento da escrita e o uso de uma linguagem nesta comunidade. Poderá também indiciar uma definição do limite sul da necrópole ou talvez marcar um espaço entre o povoado e a necrópole, fica contudo por esclarecer se existe uma relação espacial e cronológica entre a inscrição e a área de necrópole.

O conhecimento do povoamento do século VI e V a.C. (Fig. 7), na região mais imediata do território de Mértola ainda é escasso, situação que se deve às poucas prospecções efectuadas no território assim como ao facto destas serem bastante limitadas, quando efectuadas no âmbito de estudos de impacto ambiental ou de outros trabalhos. O tipo de investigação efectuada não é direccionado para realidades dissimuladas na paisagem, por desconhecimento de uma cultura material, atribuindo-se cronologias indeterminadas, ou mesmo porque estas estão camufladas por sítios com ocupações posteriores.

No actual estado de investigação encontramos limitados pelo conhecimento de uma ocupação durante o século VI a.C. circunscrita a Tavira, Castro Marim, e Mértola, ou seja, apesar deste último ser mais interior, predominam assentamentos com uma lógica litoral num claro controlo de rotas para o interior e em contacto com o mundo mediterrânico. Estes locais, que contam com uma ocupação desde o Bronze Final, mantêm a sua ocupação durante o século V a.C., mas é sobretudo durante os meados/ finais deste século que se passam a registar mais sítios.

Assim, no interior nas ribeiras subsidiárias mais importantes ou nos limites da bacia hidrográfica do Rio Guadiana registam-se pequenos sítios rurais

¹ Exceptuando o caso de Tavira recentemente apresentado (Arruda, Cavaco e Covaneiro no prelo).

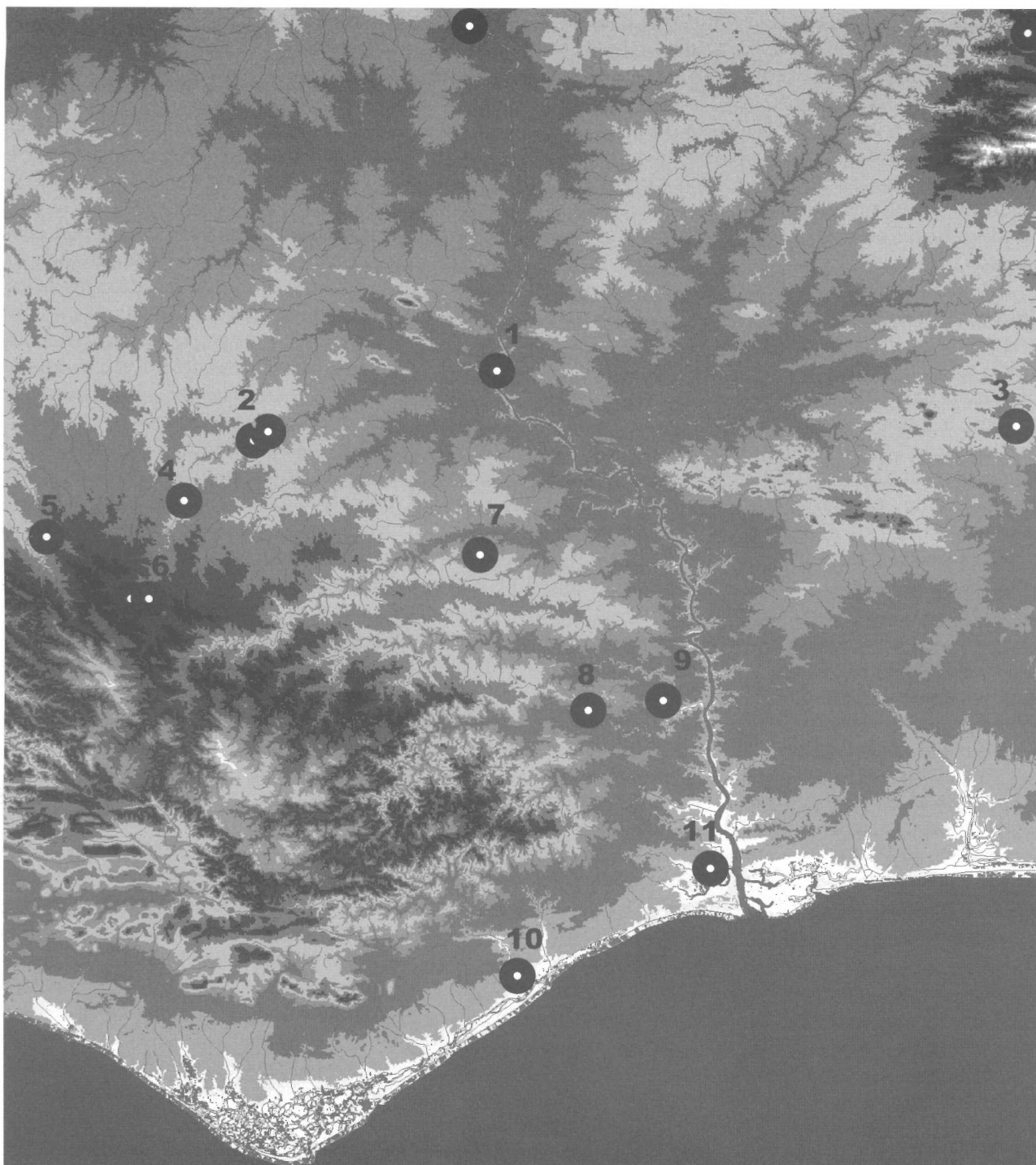


Fig. 7.—Povoamento nos séculos VI e V a. C. 1: Mértola; 2: Neves (II e IV)-Corvo (I); 3: Tarsis; 4: Lagoinha; 5: Mesas do Castelinho; 6: Monte Beirão-1; 7: Cabeço da Vaca-1; 8: Moinho do Carvão; 9: Moinho de Pinto; 10: Tavira; 11: Castro Marim.

com 200 a 350 m², com opções de construção diferenciadas, mas complementares (tipo habitacional, exploração dos recursos e de culto) (Ramos, Barros e Melro no prelo), como é o caso da concentração de Neves-Corvo (Maia e Correa 1985; Maia e Maia

1986; Maia 1987; Maia 1988; Maia e Maia 1996; Arruda 2001; Jiménez Ávila 2001; Mataloto 2003), constituída por Neves II, com cerâmicas digitadas, ânforas, uma inscrição com caracteres do Sudoeste e um “espeto” em ferro, Corvo I com um piso de-

corado com um motivo zoomórfico, mós, cerâmica ática, vidro policromo, contas de vidro oculadas, ânforas, Neves I com dois *larnakes* ou mesmo Corvo II, a necrópole associada a estes habitats seria Neves IV com um faseamento idêntico a Neves II, evoluindo de tumulações circulares para rituais de incineração em fossa.

Mais a Sul registam-se os sítios habitacionais de Monte Beirão 1, que poderá ter ocupações mais antigas, onde foi recolhido um estoque em bronze, cerâmicas ibero-púnicas e uma ânfora grega massaliota do VI–V a.C. (Beirão 1986; Beirão e Gomes 1980) e do Monte Guilherme (Beirão 1986). As necrópoles associadas seriam no Cerro das Bonecas e no Valação 1, respectivamente, (Guerreiro 1999), tendo-se registado neste último a presença de duas estelas epigrafadas, idênticas à de Neves II e de Guedelhas (Beirão 1986).

Deve-se ainda referir o sítio das Mesas do Castelinho, junto à bacia hidrográfica do Rio Guadiana, que parece ter uma implantação associada a um controlo de uma rota (Fabião 1998) e o sítio de Tarsis (Pérez Macías 1996), que revela uma clara ligação à exploração de recursos geológicos. Estes dois sítios apresentam as suas primeiras ocupações durante esta fase.

Importa igualmente mencionar a necrópole do Cabeço da Vaca 1 (Alcoutim), onde se destacam uma conta de cornalina e duas pontas de lança que apontam para uma ocupação entre o século VI e o V a.C. (Cardoso e Gradim 2006).

Em momentos posteriores parecem surgir sítios como Almodôvar (Beirão e Gomes 1980), Lagoinha (Melro e Barros 1998), Moinho do Carvão, e Moinho do Pinto (Oliveira e Freitas no prelo), aparentemente de menores dimensões e localizados junto a linhas de água.

Mencione-se ainda a atribuição nunca esclarecida de alguns dos locais referenciados genericamente como Idade do Ferro, nomeadamente no conjunto de Neves-Corvo e em Ossadinha 1, com a menção de um povoado e uma necrópole da Idade do Bronze e da Idade do Ferro (Ferreira e Inácio 1995).

Até ao momento, a representatividade da amostra é, para este período, reduzida e certamente parcial para interpretações de presença ou ausência de ligações sociais e económicas entre todos estes sítios arqueológicos, podendo-se adiantar que a sua implantação e cultura material associada (quando conhecida) revelam alguma afinidade.

Se excluirmos Mértola, Mesas do Castelinho e Tarsis, a localização dos restantes locais referidos parece ser, grosso modo, semelhante. As implanta-

ções revelam um bom conhecimento de um território e da melhor forma de exploração dos seus recursos, seja ele pautado de forma local/regional ou por influência externa.

Estes sítios podem associar-se a uma exploração dos recursos agro-pecuários e fluviais, se tivermos em consideração a sua proximidade a linhas de água, a bons solos agrícolas, a localizações em zonas aplanadas com pouca defensibilidade, tendo em conta uma interpretação de um tipo de exploração, que visa a necessária produção ou recolha de alimentos, nomeadamente o trigo, para a sua básica sobrevivência. No entanto, importa também ter presente a importância que a exploração dos recursos geológicos parece ter assumido no final do século V a.C. (Rosman *et al.* 1997 e Garcia Vargas n.p.).

Esta exploração seria por certo complementar e não exclusiva, revelando que, em ambos os casos, estes sítios pertenceriam a uma rede onde existiria um certo controlo comercial (directo ou centralizado), não apenas das rotas, mas também dos produtos trocados, ou seja, haveria uma troca obrigatória dos excedentes produzidos por produtos exógenos, como é o caso da cerâmica grega.

Nos povoados com implantações estratégicas de defensibilidade elevada e de controlo de rotas, e onde se registam fases mais antigas, parece haver uma aparente concentração de recursos transformados, induzida pela significativa panóplia de vestígios materiais com origem exógena, sinal dessas trocas comerciais.

A pertinência de um assentamento em Mértola justifica-se desse modo, ou seja, a demonstração de um efectivo poder de aquisição que detinha. Os produtos exógenos e a assimilação de hábitos sociais e alimentares estranhos à região parece dever-se ao facto de uma localização e domínio de um eixo natural de comunicação norte/sul e este/oeste, por ser um ponto final da navegabilidade do estuário do rio Guadiana e pela riqueza e exploração dos recursos geológicos —cobre, ouro e prata— agrícolas, pecuários e fluviais na sua envolvente.

Mértola apresenta semelhanças com um mundo litoral, nomeadamente com sítios arqueológicos localizados no final dos estuários do Sul do actual território português: Santarém no Tejo e Alcácer do Sal no Sado. No entanto, ao contrário destes, está bastante limitada no seu domínio visual envolvente e só assume uma proeminência para quem se aproxima de rio. De facto, não só o povoado, como também o próprio Rio Guadiana nesta zona são, a relativa distância, pontos quase invisíveis na paisagem.

No entanto, face à importância adquirida, consideramos que haveria por certo um controlo hie-

rárquico de uma determinada região, moldando a sua ocupação e a sua influência diacrónica, mas também sempre em permanente contacto com um vasto território interno e sobretudo com o círculo do estreito de Gibraltar e o não menos vasto Mar Mediterrâneo.

Se por um lado estaria estruturada por relações com sítios litorais como Castro Marim, Tavira, região litoral de Huelva, Baixo Guadalquivir e Cádiz, prováveis origens das importações exógenas, por outro manteria igualmente ligações entre o interior do Baixo Alentejo e norte da província de Huelva, rico em minérios e terras produtivas, como parece transparecer pela inscrição com caracteres do Sudoeste e pela distribuição das ocorrências das taças Cástulo de características mais arcaicas (Barros 2005).

É neste amplo contexto natural que Mértola vai explorar o seu potencial de plataforma comercial entre um conjunto polifacetado de realidades, resumidas entre o mundo litoral e o interior (Fabião 1998: 45).

AGRADECIMENTOS:

Gostaria de agradecer ao Campo Arqueológico de Mértola, nomeadamente a Virgílio Lopes e Susana Martínez, e ao Museu Nacional de Arqueologia —na pessoa do seu director Dr. Luís Raposo e seus funcionários— pela cedência das peças para estudo que permitiram a realização deste presente trabalho e à Câmara Municipal de Mértola pela cedência de cartografia de pormenor.

Agradecimentos extensíveis à revisão de texto a Iola Filipe e à colaboração nos desenhos a Ana Cristina Ramos e às diversas contribuições que ajudaram na redacção do artigo e na apresentação realizada na Reunião Científica: nas notas de Rui Mataloto, Ana Sofia Antunes, Vera Freitas, Carlos Oliveira e Samuel Melro; na elaboração de mapas a Armando Lucena, na cedência de Bibliografia a Enrique Garcia Vargas, bem como à Associação de Arqueologia do Algarve.

Saliente-se porém que todos estão isentos de responsabilidades nos erros ou omissões deste trabalho escrito em 22 de Julho de 2006.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. DE (1988): *Roman Portugal*. Warminster.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1977): *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura*. Bibliotheca Praehistórica Hispana XIV. Madrid.
- ALMEIDA, J. DE (1943): *Livro das Fortalezas de Duarte Darmas*. Lisboa.
- ANTUNES, A.S. (2005): *Castro da Azougada – conjunto cerâmico – em torno da Idade do Ferro Pós-Orientalizante da margem esquerda do Baixo Guadiana*. (Dissertação de mestrado inédita. Universidade de Lisboa). Lisboa.
- ARANEGUI, C. (1980): “Contribución al estudio de las Urnas de tipo Cruz del Negro”. *Saguntum* 15: 99-118.
- ARRAIZ, A. (1846): “Diálogo Quarto”, p 264-265. (Referida em *Arquivo de Beja* 2, 1945: 289-289).
- ARRUDA, A. M. (1997): *As cerâmicas áticas do Castelo de Castro Marim*. Lisboa.
- (1999-2000): *Los Fenicios en Portugal: Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Cuadernos de Arqueología Mediterránea 5-6. Barcelona.
- (2001): “A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 4 (2): 135 – 214.
- ARRUDA, A.M., BARROS, P. e LOPES, V. (1998): “As Cerâmicas áticas de Mértola”, *Conímbriga* 37: 121 – 149.
- ARRUDA, A.M., CAVACO, S. e COVANEIRO, J. (no prelo): “A necrópole Tartéssica de Tavira”, *Congresso Tartessos - Tarsis*, Madrid, Abril de 2007.
- AUBET, M.E. (1976-78): “La cerámica a torno de la Cruz del Negro (Carmona, Sevilla)”. *Ampurias* 38-40: 267-287.
- AUBET, M.E., CARMONA, P., CURIÀ, E., DELGADO, A., FERNÁNDEZ CANTOS, A. e PÁRRAGA, M. (1999): *Cerro del Villar I: El asentamiento fenicio en la desembocadura del río Guadalhorce y su interacción con el hinterland*. Sevilla.
- BARROS, P. (2005): “Cerâmicas áticas no Circuito do Estreito do Extremo-Occidente Peninsular: Quinta da Queimada, Ilhéu do Rosário, Faro e Tavira”. In Celestino y Jiménez Ávila (eds.): *El Período Orientalizante. Actas de Simposio Internacional de Arqueologia de Mérida.. Anejos de Archivo Español de Arqueologia XXXV*. Mérida: 931-945.
- (no prelo a): “Mértola, plataforma comercial durante a idade do ferro. A colecção de Estácio da

- Veiga". *VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*. Lisboa, Outubro de 2005.
- (no prelo b): "Mértola nos inícios do primeiro milénio a.C.". *Congreso Tartessos-Tarsis*. Madrid, Abril de 2007.
- BEIRÃO, C. (1986): *Une civilisation proto historique du Sud du Portugal (I^{ère} age du Fer)*. Paris.
- BEIRÃO, C.M. e GOMES, M.V. (1980): *A Idade do Ferro no Sul de Portugal: epigrafia e cultura*. Lisboa.
- BOIÇA, J. e MATEUS, R. (1994): "Museu de Mértola. Núcleo da Porta da Ribeira/Igreja da Misericórdia". *Actas do II Encontro de Portalegre*. Lisboa.
- BOIÇA, J. e LOPES, V. (coord.) (1999): *A Necrópole e a Ermida da Achada de S. Sebastião*. Mértola.
- CARDOSO, J.L. e GRADIM, A. (2006): "A Necrópole da I Idade do Ferro de Cabeço da Vaca 1 (Alcoutim)". *Actas do 3^o Encontro de Arqueologia do Algarve, Xelb 6*. Silves: 201-226.
- COFFYN, A. (1983): "La fin de l'Âge du Bronze dans le centre-Portugal". *O Arqueólogo Português* (série IV) 1: 169-196.
- DE HOZ, J. (2001): "Algunas Reflexiones sobre fronteras étnicas y Lingüísticas". En Berrocal-Rangel e Gardes (eds.): *Entre Celtas e Íberos. Bibliotheca Archaeologica Hispana* 8. Madrid: 77-88.
- FABIÃO, C. (1998): *O mundo indígena e a sua romanização na área céltica do território português*. (Dissertação de doutoramento inédita. Universidade de Lisboa). Lisboa.
- FARIA, A.M. DE (1994): "Uma inscrição em caracteres do sudoeste achada em Mértola". *Vipasca* 3: 61-63.
- FEIO, M. (1946): "Os terraços do Guadiana a Juizante de Ardila". *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal XXVII*. Lisboa.
- (1983): *Le Bas Alentejo et l'Algarve*. Évora.
- FERREIRA, M. e INÁCIO, I. (1995): *Carta Arqueológica do Concelho de Almodôvar*. (Relatório inédito).
- FREITAS, V.T. (2005a): "Observações Preliminares sobre as cerâmicas de engobe vermelho do Castelo e Castro Marim". In Celestino e Jiménez Ávila (eds.): *El Período Orientalizante. Actas del Simposio Internacional de Arqueologia de Mérida. Anejos de Archivo Español de Arqueología*, XXXV. Mérida: 911-918.
- (2005b): *As cerâmicas de engobe vermelho de Castro Marim*. (Dissertação de mestrado inédita. Universidade de Lisboa).Lisboa.
- GARCÍA VARGAS, E. (no prelo): "Entre el Consumo de lujo y el gusto popular: las salazones de la Iberia Púnica y su Romanización (Siglos V-I a.C.). Una perspectiva Histórica y Cultural".
- GUERRA, A. (1995): *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*. Lisboa..
- (1998): *Nomes pré-romanos de povos e lugares do ocidente peninsular*. (Dissertação de doutoramento inédita. Universidade de Lisboa). Lisboa.
- GUERREIRO, R. (1999): *Levantamento da Carta Arqueológica de Almodôvar*. (Relatório de Estágio inédito).
- HOURCADE, D., LOPES, V. e LAGARTHE, J.-M. (2003): "Mértola: la muraille de l'Âge du Fer", *Revista Portuguesa de Arqueologia* 6 (1): 175-210.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2001): "La necrópolis de "El Jardal" (Herrera del Duque, Badajoz). Elementos para el estudio del ritual funerario del Suroeste peninsular a finales de la 1^a Edad del Hierro". *Complutum* 12: 113-222.
- LECOQ, N. (2002): *Unidades de Paisagem da Zona Castro Verde – Mértola: Contributos para uma gestão ambiental eficiente*. (Dissertação de mestrado inédita. Universidade Nova de Lisboa). Lisboa.
- LOPES, V., SIMPLICIO, C. e BARROS, P. (2003): "O Porto de Myrtilis". *Actas das IV Jornadas de Arqueología Subacuática: Reunión Internacional "Puertos fluviales antiguos: Ciudad, desarrollo e infraestructuras"*. Valencia: 35-48.
- MAIA, M. (1987): "Dois larnakes da Idade do Ferro do Sul de Portugal". *Actas del IV Colóquio sobre lenguas y culturas paleohispánicas*. Victoria: 433-445.
- (1988): "Neves II e a facies cultural de Neves-Corvo". *Arquivo de Beja* 2-3: 23-42.
- MAIA, M. e CORREA, J.A. (1985): "Inscripción en escritura tartésica (o del SO), hallada en Neves (Castro Verde, Baixo Alentejo) y su contexto arqueológico". *Habis* 16: 243-274.
- MAIA, M. e MAIA, M. (1986): *Arqueologia da área mineira de Neves-Corvo: trabalhos realizados no triénio 1982-84*. Lisboa.
- (1996): "Arqueologia do Couto Mineiro Neves Corvo". Em Rego (ed.): *Mineração do Baixo Alentejo*. Castro Verde: 82-93.
- MATALOTO, R. (2003): *Um "monte" da Idade do ferro na Herdade da Sapatoa: ruralidade e povoamento no I milénio a.C. do Alentejo Central*. Trabalhos de Arqueologia 37. Lisboa.
- MELRO, S. e BARROS, P. (1998): *Levantamento e Avaliação de Impactos sobre o Património Ar-*

- queológico e Construído do Projecto de Aproveitamento Hidráulico da Ribeira de Oeiras.* (Relatório inédito).
- OLIVEIRA, C.P. e FREITAS, V.T. (no prelo): "A Idade do Ferro no Baixo Guadiana". *IV Congresso de Arqueologia Peninsular* (Faro - Setembro de 2004).
- OLIVEIRA, T. e OLIVEIRA, V. (1996): "Síntese da Geologia da faixa piritosa em Portugal e das principais minerações associadas". *Mineração do Baixo Alentejo* I. Castro Verde: 8-27.
- OLIVER, A. e GUSI JENER, F. (1995): *El Puig de la Nau. Un habitat fortificado ibérico en el ámbito mediterráneo peninsular*. Monografies de Prehistòria i arqueologia Castellonenques 4. Castellón.
- PÉREZ MACÍAS, J.A. (1996): *Metalurgia extractiva preromana en Huelva*. Huelva.
- RAMÓN, J. (1995): *Las Ánforas Fenicio-Púnicas del Mediterráneo Central e Oriental*, Col.lecció Instrumenta 2. Barcelona.
- (1999): "La cerámica fenicia a torno de sa Caleta (Eivissa)". In González Prats (ed.): *La Cerámica Fenicia en Occidente: centros de producción y áreas de comercio*. Alicante: 149-214.
- RAMOS, A.C., BARROS, P. e MELRO, S. (no prelo): "Uma leitura dos resultados do EIA do Aproveitamento Hidráulico da Ribeira de Oeiras – Almodôvar". *III Encontro de Arqueologia Sudoeste Peninsular*. Aljustrel, Outubro de 2006.
- REGO, M., GUERRERO, O. e GÓMEZ, F. (1996): "Una ciudad mediterránea en el contexto de la Edad del Hierro del Bajo Guadiana". *Actas de las primeras jornadas transfronterizas sobre la contienda hispano-portuguesa (2 a 4 de Junio de 1995)*. Huelva: 119-132.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A. e ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J.J. (2001): *Extremadura Tartésica: Arqueología de un proceso periférico*. Barcelona.
- ROSMAN, K. JR., CHISHOLM, W., HONG, S., CANDELONE, J.-P. e BOUTRON, C.F. (1997): "Lead from Carthaginian and Roman Spanish Mines Isotopically Identified in Greenland Ice Dated from 600 B.C. to 300 A.D." *Environmental Science & Technology* 31 (12): 3413-3416.
- RUFETE, P. (1989): "La cerámica con barniz rojo de Huelva". *Tartessos. Arqueología Protohistórica del Bajo Gualdalquivir*. Barcelona: 247-286.
- SCHUBART, H. e MAASS-LINDEMANN, G. (1984): "Toscanos: El asentamiento fenicio occidental en la desembocadura del Río de Vélez, excavaciones de 1971". *Noticiario Arqueológico Hispánico* 6: 40-217.
- SIMPLÍCIO, M.C., BARROS, P. e GARCIA, C. (1999): "Prospecções Arqueológicas no Rio de Guadiana - Porto de Mértola". *Almadan* (série II) 8: 54-62.
- TEIXEIRA, S.B. (2005): "Evolução holocénica do litoral em regime transgressivo: o caso da costa de Quarteira (Algarve, Portugal)". *Iberian coastal honocene paleoenvironmental evolution-Coastal Hope 2005*. Lisboa: 121-124.
- TORRES, C. (1989): *Mértola Vila Museu*. Mértola.
- TORRES ORTIZ, M. (1999): *Sociedade y mundo funerario en Tartessos*. Bibliotheca Archaeologica Hispana 3. Madrid.
- TOVAR, A. (1976): *Iberische Landeskunde*. Baden-Baden.
- UNTERMANN, J. (1962): *Sprachräume und Sprachbewegungen im vorrömischen Hispanien*. Wiesbaden.
- VEIGA, S.F.M.E. DA (1880): *Memórias das antiguidades de Mértola*. Lisboa. (Edição fac-similada de 1983).
- VIANA, A. (1946): "Pelo Baixo Alentejo - Notas históricas, arqueológicas e etnográficas". *Arquivo de Beja* 3 (1-2): 3-36.